



Reconstruindo a Realidade: Três Relatos de Uma História¹

Leylianne Alves VIEIRA²

Marcelo Eduardo LEITE³

Universidade Federal do Ceará, Juazeiro do Norte, CE

RESUMO

Este trabalho se propõe a apresentar a revista *Realidade* pela ótica daqueles que fizeram parte da primeira equipe da revista, como é o caso de Carlos Azevedo, José Hamilton Ribeiro, José Carlos Maranhão e Mylton Severiano, e que publicaram livros de memórias que tratam deste período, buscando uma aproximação com a história da revista. Pretendemos travar um diálogo entre estas memórias e apresentar um retrato daquela época, a partir das palavras de quem esteve presente. *Realidade*, estudada por sua influência na história, aqui passa a ser tratada como parte da vida de jornalistas que se construíram enquanto tal naquele momento.

PALAVRAS-CHAVE: Reportagem; Revista; Realidade; história do Jornalismo.

1. APRESENTAÇÃO

A revista *Realidade*, lançada pela editora Abril em 1966, pode ser definida como um marco para o jornalismo brasileiro. Primeira revista do país cujo conteúdo principal é as reportagens, esta publicação é hoje, quase cinquenta anos depois, objeto para pesquisas acadêmicas nos mais diversos campos de estudo.

No entanto, para além do impacto de uma publicação para a sociedade de sua época ou mesmo para a história do jornalismo, ela também marca a história daqueles que ajudaram a construí-la. Como consequência, diversos profissionais que passaram pela revista vêm publicando livros com suas memórias acerca da mesma, mostrando algumas reportagens que marcaram suas carreiras e discutindo alguns conceitos que são apontados no meio acadêmico.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 12 a 14 de junho de 2013.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, e-mail: leyliannealves@yahoo.com.br

³ Orientador do trabalho. Professor Adjunto II da Universidade Federal do Ceará, *Campus Cariri*, e-mail: marceloeduardoleite@gmail.com



Neste novo quadro, se encaixam livros lançados por Carlos Azevedo, José Hamilton Ribeiro, José Carlos Marão e Mylton Severiano, construindo uma nova versão sobre a história de *Realidade*, descrita, agora, por seus atores. Neste espaço, faremos uma exposição da história desta publicação, tendo como base, principalmente, o que vem sendo dito por estes repórteres que participaram diretamente da sua construção.

2. REVISTAS ILUSTRADAS: O CENÁRIO BRASILEIRO

As Variedades ou *Ensaio de Literatura* foi a primeira revista a ser publicada no Brasil, no ano de 1812, dando início à história da revista no Brasil (NASCIMENTO, 2002, p. 15). Mais de cem anos depois, porém, surge uma publicação com grandes reportagens e temáticas inovadoras, a revista *O Cruzeiro*. Em se tratando dessa publicação e de sua relevância para o jornalismo brasileiro, Andrade e Cardoso (2001, p. 246) destacam que *O Cruzeiro* foi:

[...] a primeira revista de circulação nacional de fatos diversos a introduzir a linguagem da fotorreportagem. Criado em 1928 e reformulado em 1945, esse periódico revolucionou a técnica e o espírito do jornalismo ao romper com a influência das escolas européias na imprensa brasileira.

De forma semelhante, Nascimento (2002, p. 17) destaca *O Cruzeiro* como sendo um marco para o jornalismo no país e aponta Jean Manzon e David Nasser como a dupla que mais obteve destaque junto à publicação: durante a década de 1940, eles viajavam por diversos locais do Brasil e retornavam com fotografias e histórias de impacto. Em tal periódico, segundo Barbosa (2002)⁴, uma das principais características era o relevo dado à leitura das imagens.

Ainda de acordo com Barbosa (2002), *O Cruzeiro* só apresentou um crescimento considerável na década seguinte a seu lançamento, graças a táticas que desenvolveu para conquistar o público como, por exemplo, a aquisição de maquinário ainda não existente no Brasil e a utilização da fotografia em praticamente todas as matérias, como forma de fidelizar os leitores.

⁴ Disponível em: <<http://www.uff.br/mestcii/marial6.htm>>. Acesso em: 24 abr. 2012.



No ano de 1952, surge a revista *Manchete*, principal concorrente de *O Cruzeiro*. A publicação, lançada por Adolpho Bloch, ficou popular por conta das reportagens históricas que estamparam suas páginas, além de também possuir uma concepção moderna e amplo espaço para a fotografia (NASCIMENTO, 2002, p. 17).

De acordo com Andrade e Cardoso (2001, p. 252), *Manchete* pode ser definida como uma revista que:

[...] apropriou-se da linguagem e do discurso do fotojornalismo. As fotografias ocupavam em média 70% das páginas nas fotorreportagens, mas chegavam a ocupar páginas inteiras. Os textos e legendas preenchiam as lacunas entre títulos e subtítulos, fotografias, gráficos, desenhos e quadros que eram inseridos para facilitar a compreensão dos leitores. No estilo literário da época e com um português primoroso, a linguagem dos textos era quase poética e se inspirava na fotografia principal da matéria.

Já no ano de 1966 é lançada mais uma revista no Brasil, desta vez, uma que prioriza as reportagens, com textos bem escritos e amplo espaço para fotografias que também fazem parte da narrativa: *Realidade*. A publicação da Editora Abril inovou na forma como utilizou texto e imagem, sendo considerada um exemplo de qualidade jornalística, de acordo com Nascimento (2002, p. 17). De forma semelhante, Faro (1999, p. 13) afirma que:

A revista *Realidade* é um marco na história do jornalismo brasileiro. Sob qualquer ângulo que possa ser estudada, a publicação da Editora Abril, lançada em 1966 e produzida durante 10 anos consecutivos, representa para os profissionais da imprensa e para os estudiosos da vida cultural brasileira um momento obrigatório de referência, tanto pela abrangência dos temas que reportou como pela forma como o fez.

Entre os principais repórteres que passaram pela revista, podemos apontar José Hamilton Ribeiro, Roberto Freire, Narciso Kalili, José Carlos Marão, Carlos Azevedo, Cláudia Andujar, Jorge Butsuem, Luigi Mamprin, Roger Bester, entre outros⁵. De acordo com Faro (1999, p. 20), a revista sofre algumas limitações após o Ato Institucional Nº 5⁶, em dezembro de 1968, perdendo parte de seu vigor, mas continua a publicar trabalhos de grande qualidade jornalística, porém acaba sufocada pela censura.

⁵ Baseado em levantamento feito na coleção da revista, pertencente ao acervo pessoal do Prof. Marcelo Eduardo Leite.

⁶ É tido como o mais conturbador dos Atos Institucionais da ordem brasileira, e deu início à época de censura prévia aos meios de comunicação. De acordo com Abreu (2002, p. 15), “a partir de então, os temas políticos passaram a ser



3. OS REPÓRTERES ACERCA DE REALIDADE

Roberto Civita (2010, p. 15), primeiro diretor da revista *Realidade*, diz que a publicação “[...] renovou a arte da reportagem, questionou tudo, derrubou tabus, revelou um país praticamente desconhecido para uma nova geração de leitores e entrou na história como exemplo de jornalismo inesquecível e transformador”. Talvez por conta destas características citadas *Realidade* seja, hoje, objeto de pesquisas e livros, ajudando a compreender o Brasil e os brasileiros das décadas de 1960 e 1970.

No meio acadêmico, as reportagens e a história de *Realidade* vêm sendo estudadas por diversos aspectos, tais como: a recepção⁷, a história do jornalismo⁸ ou a cultura da época⁹. No entanto, nos últimos anos, vêm sendo publicados livros que tratam de *Realidade* por um viés diferenciado: o do relato acerca da vivência dos repórteres que nela trabalharam. São textos que tratam das mesmas reportagens, da mesma história, mas pela perspectiva daqueles que ajudaram a construir o percurso da publicação.

No ano de 2007, Carlos Azevedo publicou o livro *Cicatriz de Reportagem*, no qual apresenta uma seleção de treze reportagens que, segundo o subtítulo do livro, ‘fizeram um repórter’. Dentre esta seleção, encontram-se cinco reportagens que foram publicadas na revista *Realidade* e uma que foi feita para a revista *Quatro Rodas*, sendo esta apontada como uma espécie de ‘treino’ para a revista que estava por surgir na Editora Abril. Acompanhando cada um destes textos, um relato que trata do que está por trás de cada matéria, viagem, ou o que estava acontecendo dentro da editora.

cuidadosamente censurados, enquanto a imprensa, com uma série de estratégias e artifícios, tentava denunciar a ação da censura”.

⁷ A exemplo de: MORAES, Letícia Nunes de. **Cartas ao Editor: leituras da revista Realidade (1966-1968)**. São Paulo: Alameda, 2007.

⁸ A exemplo de: LEISTER FILHO, Adalberto. **A realidade em revista, a revista Realidade**. A memória dos jornalistas de uma publicação revolucionária. Pesquisa de Iniciação Científica financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e concluída em 1997.

⁹ A exemplo de: ROSA, Márcia Eliane. **Os sentidos pluralistas do cotidiano da cultura nas reportagens da revista Realidade nos anos de 1966 a 1968**. São Paulo, 2006. Tese (Doutorado), Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.



Pouco depois, no ano de 2010, José Hamilton Ribeiro e José Carlos Marão lançam *Realidade Re-vista*, livro que trata especificamente da história da revista, faz algumas referências a personalidades que foram fundamentais para a existência da publicação e, ao mesmo tempo, traz reportagens que foram publicadas em *Realidade* pelos autores do livro e mais algumas de outros repórteres, tratadas como homenagens àqueles.

Recentemente, no ano de 2013, Mylton Severiano, mais conhecido como Myltainho, publica *Realidade – história da revista que virou lenda*. O livro é baseado em suas memórias, e em uma espécie de diário deixado por Paulo Patarra¹⁰, referente aos primeiros 16 números de *Realidade*, e em uma série de entrevistas realizadas com profissionais que colaboraram com a revista. Ao longo dos 97 capítulos, o autor descreve o contexto no qual trabalhavam, o processo de elaboração de algumas reportagens que foram publicadas e as características dos que passaram pela revista.

3.1 O que veio antes de Realidade

O embrião da revista *Realidade* foi plantado, segundo Carlos Azevedo (2007, p. 39), dentro da Editora Abril, numa revista cujo assunto principal eram os automóveis e tudo aquilo que estava no seu universo, inclusive, os roteiros de viagens, a *Quatro Rodas*. Em depoimento contido no livro *Cicatriz de Reportagem*, no qual o autor afirma que ao chegar à redação da Abril, em 1964, foi recepcionado por Paulo Patarra com uma surpresa: ele deveria fazer um mapa turístico dos agrupamentos indígenas brasileiros. Este convite fazia parte de uma demonstração que Patarra pretendia dar à empresa de que sua equipe estava apta a fazer a revista mensal que, sabia-se, a editora programava lançar em breve, e viria a ser *Realidade* (AZEVEDO, 2007, p. 39).

Durante as duas primeiras semanas que passou na editora, Carlos Azevedo fez pesquisas, entrevistou antropólogos e etnólogos e, por fim, comunicou a Patarra que, nas atuais circunstâncias, não se poderia fazer uma mapa turístico como o pretendido, tendo em vista a quantidade de tribos já extintas pelo contato com o homem branco e as que estavam em processo de extermínio, ao que Patarra teria respondido: “- Faz de conta que a gente não sabe. Vai lá e faz!” (AZEVEDO, 2007, p. 39). Ainda de acordo

¹⁰ “Quem criou *Realidade* foi Paulo Patarra. Prescreveu a receita e, para aviar, montou a equipe e a dirigiu” (SEVERIANO, 2013, p. 19).



com o autor, a empresa só soube do conteúdo da reportagem quando ela já estava em fase de provas (AZEVEDO, 2007, p. 39).

A fim de demonstrar o que a equipe seria capaz de fazer pela nova publicação, Carlos Azevedo planejou um roteiro que durou cerca de três meses até ser completado: passou por Amazonas, norte de Goiás, Maranhão, Xingu e Pará. Além disso, o fotógrafo Jorge Butsuem, que naquela época era encarregado do Departamento Fotográfico da Editora Abril e viria a ser um dos fotógrafos de *Realidade*, deu aulas de fotografia para o repórter, que já havia fotografado quando trabalhou em *O Cruzeiro*; Azevedo viajou com duas máquinas (AZEVEDO, 2007, p. 39 – 40).

A reportagem foi publicada em fevereiro de 1965. Para o público tradicional da revista deve ter sido um estranho roteiro ‘turístico’. Era uma ‘sacada’ do Patarra. Apresentava um encarte com o mapa do Brasil, em três páginas no sistema ‘abra e desdobre’ tradicional da revista. Trazia a localização das aldeias indígenas por todo o país. E simplesmente aconselhava o leitor a não ir até elas. A matéria ficou enorme, ocupou 25 páginas (AZEVEDO, 2007, p. 58).

Ao final, segundo afirma Carlos Azevedo (2007, p. 58), a candidatura da equipe de *Quatro Rodas* para a nova revista saiu fortalecida, uma vez que a repercussão desta matéria se mostrou positiva dentro da empresa.

3.2 O nascimento de uma revista: Realidade

No ano de 1965, Paulo Patarra recebe um convite para participar da reunião que discutiria a criação da *Revista de Domingo*, futura publicação da Editora Abril que estrearia em outubro daquele ano e seria distribuída junto às edições dominicais dos veículos *Folha de S. Paulo*, *Jornal do Brasil* e *Diário de Minas*. No entanto, o projeto que apontava como características a impressão moderna e a semelhança com os semanários mundiais, não sairia do papel (SEVERIANO, 2013, p. 32).

Enquanto se reunia com a direção da editora e defendia seu projeto, que envolvia a equipe da revista *Quatro Rodas*, Paulo Patarra ia reunindo profissionais que julgava capazes de integrarem a nova revista, entre eles: José Hamilton Ribeiro, seu segundo escolhido nos quadros de *Quatro Rodas*; além de Sérgio de Souza, editor de texto da



mesma revista; Luís Fernando Mercadante e Narciso Kalili, ambos vindos da revista *Intervalo*, da própria editora Abril, após se indisporerem com Alessandro Porro, diretor da publicação; José Carlos Maranhão, que àquela época estava na *Edição de Esportes*, um semanário de *O Estado de S. Paulo*; Carlos Azevedo, vindo de *O Cruzeiro*; e os fotógrafos, Geraldo Mori, Luigi Mamprin e Walter Firmo (AZEVEDO, 2007, p. 97 – 98).

A *Revista de Domingo* teve fim antes mesmo de começar. Os donos dos jornais anteriormente citados perceberam que a maior parte dos patrocinadores ficaria com a nova publicação e desistiram do encarte. Patarra recebeu a notícia por meio de Victor Civita. Quando questionado sobre o que fariam, teria respondido de pronto: uma revista mensal de reportagem. Apesar de resistir, o dono da Abril acabou por aceitar a proposta de Patarra, mantendo a equipe que já estava formada (SEVERIANO, 2013, p. 41-42).

Quanto à direção da nova revista, várias pessoas passaram por ela e não se firmaram. Em determinado momento, “Victor Civita decidiu pôr seu próprio filho, Robert Civita, como diretor provisório. E a fórmula de o patrão tratar diretamente com a equipe deu mais certo que o esperado” (AZEVEDO, 2007, p. 99). Porém, de acordo com Severiano (2013, p. 51), a indicação de Robert Civita para a diretoria de *Realidade* foi feita por Paulo Patarra, em reunião na qual participavam Luis Carta, Murilo Felisberto, ele e o próprio Robert. Nos termos de Severiano (2013, p. 52), aquela foi uma “tacada magistral. Robert teria direito a dizer sim ou não, gastar ou não nisso ou naquilo. E não sei de outro caso de empregado nomear o filho do patrão como seu próprio diretor, para concretizar um sonho que era dele – o empregado”.

Ainda durante a feitura dos números zero (ao menos três), foram contratados ou transferidos para a nova publicação mais alguns profissionais, tais como: Woile Guimarães, Mylton Severiano da Silva, Roberto Freire e Duarte Pacheco Pereira. Nos meses seguintes, ainda chegaram Hamilton de Almeida Filho, Eurico Andrade, Otoniel Pereira, João Antônio, Paulo Henrique Amorim, Afonso de Souza, Micheline Gaggio Frank, Svetlana Novikow, Norma Freire, Junko Iamanaka e Octavia Iamashita (AZEVEDO, 2007, p. 99 – 100).

No início de 1966, segundo Severiano (2013, p. 77-78), Paulo Patarra fez um esquema detalhando como seria a revista e quais seriam seus leitores em potencial: uma publicação mensal que usaria muita cor e papel de qualidade; uma prova da capacidade de se editar bem; de interesse geral, especialmente para ‘ganhar’ o público feminino; e com boa escolha de assuntos e qualidade de texto para ganhar prestígio; já os leitores seriam aqueles que eram atraídos pelas fotografias e crônicas de *Manchete*, pela gama de conteúdos de *O Cruzeiro*, pela moda apresentada por *Cláudia*, *Jóia* e *Manequim*, por ingredientes como viagens, ciência, mecânica e progresso, presentes em *Quatro Rodas*, *Mecânica Popular* e *Auto Esporte*, por assuntos e modelos de revistas estrangeiras e, também, os leitores dos jornais.

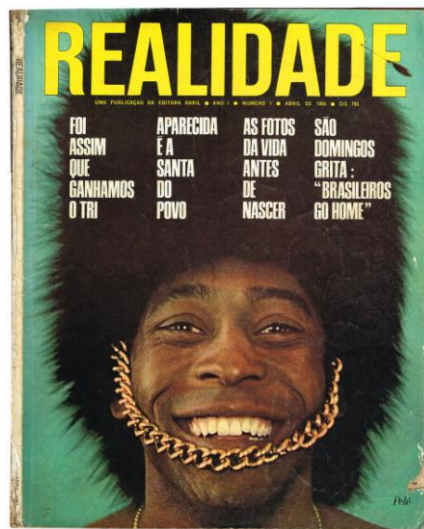


Figura 1: capa da revista Realidade Nº1
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos Fotográficos, do CNPq.

Quando da ocasião do lançamento oficial de *Realidade*¹¹, dois fatos chamam a atenção: uma capa chamativa, com Pelé usando o chapéu da guarda da rainha, fazendo alusão ao possível ‘reinado’ do Brasil na Copa do Mundo que se aproximava; e, ao mesmo tempo, uma campanha de lançamento em rádios e revistas, com o seguinte *slogan*: ‘chegou a revista que faltava’ (RIBEIRO, 2010, p. 38). Chegava às bancas, a revista *Realidade*.

¹¹ Foram apontados alguns nomes para a nova publicação: Panorama, Repórter, Horizonte, Reviver, Viver e Realidade; a última foi a escolhida (SEVERIANO, 2013, p. 43).



3.3 O trabalho em Realidade

De acordo com Carlos Azevedo (2007, p. 119 – 120), no início dos trabalhos em *Realidade*, os profissionais envolvidos passavam horas detidos na redação: Mylton Severiano e Sérgio de Souza, por exemplo, conversavam com repórteres e fotógrafos e editavam os textos; quem mais estivesse na sala ajudava na escolha das fotografias e na paginação da revista, juntamente com Paulo Patarra, Eduardo Barreto e Figueirola¹². A seleção das imagens era coletiva, conforme lembra Mylton Seberiano (2013, p. 192):

A escolha das fotos era o *cineminha*. Os cromos vinham emoldurados – os eslaides. Conseguíamos um local na penumbra. Alguém operava o aparato e ia projetando as fotos na parede. Repórter e fotógrafo só não apareciam se estivessem viajando. Dali saíria a primeira escolha. Palpites eram bem-vindos.

Fato que demonstra o nível de entrosamento e companheirismos desenvolvido pela equipe e apontado como um dos fatos que tornaram possível a existência da fase aura da revista¹³, era a forma como se davam as reuniões de pauta:

Quando imaginávamos que Robert iria resistir a uma ideia, combinávamos previamente uma tática de introdução da sugestão na reunião do dia seguinte. Um lançava, outro defendia. Se Patarra se guardava, Mercadante se punha a esgrimir diplomaticamente. Marão opinava com cuidado. Narciso se entusiasmava, descrevia a matéria com riqueza, tornando a ideia mais atraente. Sérgio, com poucas palavras, sentenciava: ‘A ideia é boa’. Patarra, como se fosse neutro, meio que blefando, procurava dar o ponto final: ‘Então, vamos fazer!’. (AZEVEDO, 2007, p. 100)

Segundo José Carlos Marão (2010, p. 17), *Realidade* tinha como características a criatividade na pauta e na finalização, o que a fez transparecer uma imagem de revista “[...] contestadora e irreverente, mas que nunca foi para o confronto”. Já no tocante à equipe da revista, Marão (2010, p. 17) afirma que a mesma era unida, o que permitia a criatividade expressa pela publicação e que demonstrava uma imagem de oposição política.

¹² Assistente do diretor de arte.

¹³ “A primeira fase, a chamada fase áurea, é a que ficou para a História. Para alguns, *Realidade* teve apenas uma fase, que durou dos fins de 1965, na preparação dos números zero [...], até dezembro de 1968.” (MARÃO, 2010, p. 36).



Em se tratando de pautas, Marão (2010, p. 31) destaca que os personagens buscados eram, em geral, os que se podia chamar de ‘gente comum’, nas quais o leitor poderia se identificar, se projetar. Esta busca culminou em matérias cujos personagens eram jangadeiros, boiadeiros, professoras, enfim, pessoas simples. No entanto, mesmo com esta predefinição pelo tipo de personagem, a revista não tinha jornalistas especializados por temas; apenas com o decorrer dos trabalhos que se foram mostrando algumas afinidades (MARÃO, 2010, p. 48).

Fato interessante sobre o dia em que *Realidade* ia para as ruas consiste em que os repórteres da revista se dirigiam a alguma banca de jornal, nas proximidades da redação, e conversavam com os leitores (MARÃO, 2010, p. 22). Através de ações como esta, os repórteres puderam balizar a forma como guiavam a revista, de forma que podiam dar aos leitores o que eles esperavam daquela publicação. Desta forma, chegamos a uma conclusão que Marão (2010, p. 23) escreve a cerca de *Realidade*:

A revista não reformou o mundo nem desafiou, diretamente, governos. Mas ajudou e influenciou na mudança de costumes no Brasil. Foi irreverente e contestadora. Fazia um jornalismo que não se conformava com a verdade oficial, que procurava olhar os vários lados possíveis de um mesmo tema. [...] E seu texto, claro, não tinha o tom urgente da matéria, mas a calma da observação meticulosa. Inovou também no visual, na direção de arte e na fotografia.

3.4 A fotografia em Realidade

Em *Realidade*, a criação e a formação da equipe contava com a participação dos próprios jornalistas, o que, segundo Carlos Azevedo (2007, p. 122-123), teria contribuído para a valorização, tanto do texto bem trabalhado, como da fotografia de qualidade. Desta forma, estabeleceu-se uma equipe de fotógrafos experientes que já haviam passado por grandes veículos da época, tais como: Geraldo Mori, vindo da revista *Manchete*; Walter Firmo, que havia trabalhado no *Jornal do Brasil*; Luigi Mamprin, que já havia passado por *O Cruzeiro* e Jorge Butsuem, fotógrafo da editora Abril, sendo estes os contratados pela empresa (AZEVEDO, 2007, p. 123). Além deles, também havia outros fotógrafos, como era o caso de David Zing, Claudia Andujar, George Love, Roger Bester, Jean Solari, entre outros.



A exemplo da interação da equipe e do envolvimento dos fotógrafos com as decisões tomadas no cerne da publicação, Azevedo (2007, p. 123) comenta que

Os fotógrafos mais chegados – falo de Mamprin, Firmo e Mori – estavam sempre conosco, participavam, com a mesma liberdade, de todas as fases de trabalho da revista: discussão de pauta da matéria, discussão das fotos a fazer, seleção de fotos, edição e paginação (e sempre reclamavam que a ‘melhor’ foto não foi aproveitada, que aquele corte não ficou bom).

Durante os trabalhos em dupla, de acordo com o relato de Azevedo (2007, p. 123), os dois repórteres, de texto e fotográfico, trocavam informações, conversavam, chegando ao ponto de trocarem sugestões quanto à elaboração dos trabalhos. “Em geral o fotógrafo tratava de contar a mesma matéria que o repórter estava fazendo [...] mas havia trabalhos mais ‘independentes’, principalmente quando feitos pelos *freelances* [...]” (AZEVEDO, 2007, p. 124).

A fotógrafa Cláudia Andujar publicou seu primeiro trabalho em *Realidade* na edição sobre a mulher brasileira, o nº 10, de janeiro de 1967; consta que esta edição foi apreendida nas bancas, justamente por conta de uma foto feita por Andujar: uma mulher dando a luz (SEVERIANO, 2013, p. 106). Mesmo assim, a fotógrafa destaca, em entrevista cedida a Mylton Severiano (2013, p. 105), que o que a encantou em trabalhar para a *Realidade* foi o tempo que poderia ficar em algum lugar, conhecendo as pessoas e foi isso que a diferenciou de outras publicações.

Em se tratando das fotografias dispostas sobre as páginas de *Realidade*, Ligia Martins de Almeida (2010, p. 371) destaca o ‘olhar internacional’ que nelas existia, uma vez que a maior parte dos fotógrafos que passaram pela revista era de origem estrangeira. Em consonância com o que aponta Almeida, Melo (2006, p. 150) afirma que o ‘frescor’ das fotografias de *Realidade* pode decorrer da forte presença dos fotógrafos internacionais, o que lhes possibilitava um “[...] afastamento capaz de re-conhecer o país”.

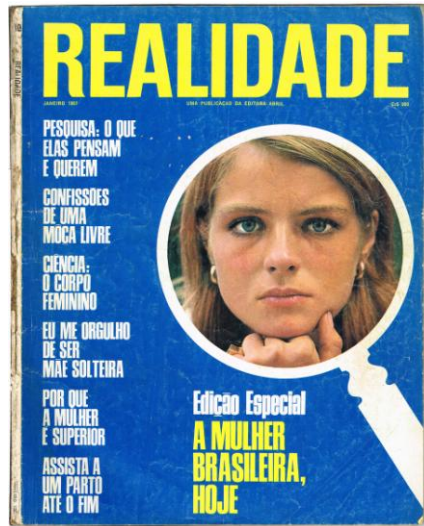


Figura 2: capa da revista Realidade N°10
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos Fotográficos, do CNPq.

É notável o espaço dado às fotografias nas páginas da revista *Realidade*. A paginação da revista, o que, em parte, possibilitava esta independência, ficava a cargo de Eduardo Barreto. Melo (2006, p. 149) chega a afirmar que a maior contribuição da revista *Realidade* para a história da linguagem jornalística brasileira foi, justamente, unir de forma a construir um discurso, texto, fotografia e *design*.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: ANOS DE CHUMBO, ALGUMAS TRANSFORMAÇÕES E O FIM

Mylton Severiano (2013, p. 303-304) afirma que logo após o fechamento da edição 32, em outubro de 1968, foi anunciada a saída de Paulo Patarra de *Realidade*: Alessandro Porro, diretor do Grupo Redacional, o substituiria, o que causou alteração nos ânimos dos que ainda ficariam na redação¹⁴.

No entanto, Porro não iria para *Realidade*. Na edição 33, publicada em dezembro de 1968, uma das chamadas de capa aponta para uma entrevista com Luís Carlos Prestes, reportagem feita por Patarra, ao passo que, no expediente, Milton Coelho aparece como redator-chefe, na forma de interventor (SEVERIANO, 2013, p. 304).

¹⁴ Ainda de acordo com Severiano (2013, p. 304), Porro não merecia o respeito daquela redação, profissional ou pessoalmente, tendo em vista que, em 1967, escreveu um texto para um jornal italiano no qual dizia ter visto Che Guevara morto, sem nunca ter saído da redação da editora Abril para tanto.



Em consonância com o que acontecia nos bastidores de *Realidade*, parte dos profissionais que constavam no quadro de funcionários da revista pediu demissão coletivamente, num mesmo dia saíram Sérgio de Souza, Woile Guimarães, Octávia Yamashita, Roberto Freire, Granville Ponce, Mylton Severiano, José Carlos Marão, Eduardo Barreto, Otoniel Pereira, Lana Novikow e Marcos Polé; além desses, Carlos Azevedo, Duarte Pacheco, Narciso Kalili e Hamilton Almeida Filho já haviam sido desligados da revista (AZEVEDO, 2007, p. 242). A primeira equipe que compôs *Realidade* estava desfeita.

Azevedo (2007, p. 242) considera que este episódio de *Realidade* foi coerente com o trabalho realizado durante os três primeiros anos da publicação e admite que voltou à revista como *freelance*, anos mais tarde, mas “[...] era outra revista. Aquela *Realidade* renovadora, que aliava um conteúdo surpreendente e uma forma altamente criativa, com um texto vivo e esmerado, essa *Realidade* havia acabado em dezembro de 1968, já fazia parte da História”.

Com a saída da primeira equipe, tem início a segunda fase da revista, segundo descreve José Carlos Marão (2010, p. 35): em meados de 1969, alguns dos profissionais de *Realidade* que haviam saído, como é o caso de José Hamilton Ribeiro, José Carlos Marão, Luiz Fernando Mercadante e Mylton Severiano, retornaram e encontram em curso uma tentativa de recuperar a revista, comparando-a com os trabalhos da primeira equipe. No entanto, não havia mais espaço para isso, tendo em vista que o entusiasmo da equipe não era mais o mesmo e o país vivia um estado de terror, por conta do Ato Institucional Nº 5 (MARÃO, 2010, p. 35). Esta fase durou até 1973.

Ainda nos termos de Marão (2010, p. 35), a segunda fase não atingiu os objetivos da equipe, especialmente por conta da autocensura dentro da redação da Abril, o que gerava um estado de alerta entre a equipe. Após esta tentativa, dá-se início a terceira fase da revista, a qual seria a última e iria até março de 1976: *Realidade* passaria a ter uma formula semelhante a da revista *Seleções*, da Readers Digest (MARÃO, 2010, p. 35).

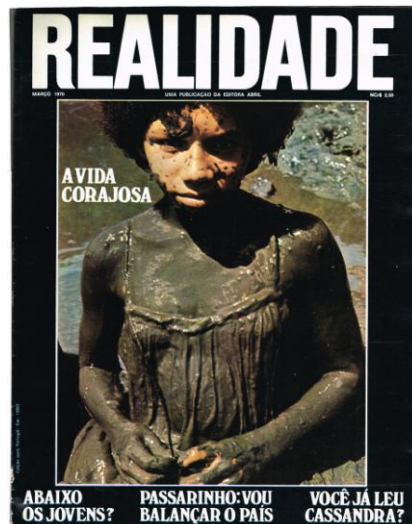


Figura 3: capa da revista Realidade N°48
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos Fotográficos, do CNPq.

Após passar por estas três fases, *Realidade* se tornou símbolo de uma época do jornalismo brasileiro. Ainda hoje esta revista é lembrada por seu caráter diferenciado em relação aos outros veículos de sua época, pela coragem e pelo material apurado e de qualidade que apresentou, e ainda apresenta, aos brasileiros.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de. **A Modernização da Imprensa (1970 – 2000)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

ALMEIDA, Ligia Martins de. Guerreiros subversivos – O mundo lá fora. In: RIBEIRO, José Hamilton; MARÃO, José Carlos. **Realidade Re-vista**. Santos: Realejo Edições, 2010. cap. 11. p. 369-405.

ANDRADE, Ana Maria Ribeiro de; CARDOSO, José Leandro Rocha. **Aconteceu, virou manchete**. *Rev. bras. Hist.* [online]. 2001, vol.21, n.41, pp. 243-264. ISSN 1806-9347.

AZEVEDO, Carlos. **Cicatriz de Reportagem: 13 histórias que fizeram um repórter**. São Paulo: Editora Papagaio, 2007.

BARBOSA, Marialva. **O Cruzeiro: uma revista síntese de uma época da história da imprensa brasileira**. 2002. Disponível em: <<http://www.uff.br/mestcii/marial6.htm>>. Acesso em 24 abr. 2012.

CIVITA, Roberto. A palavra do primeiro editor. In: RIBEIRO, José Hamilton; MARÃO, José Carlos. **Realidade Re-vista**. Santos: Realejo Edições, 2010. p. 15.

FARO, José Salvador. **Revista REALIDADE – 1966-1968 – Tempo de reportagem na imprensa brasileira**. Ulbra/AGE, 1999.

MARÃO, José Carlos. Por que falar de Realidade? In: RIBEIRO, José Hamilton; MARÃO, José Carlos. **Realidade Re-vista**. Santos: Realejo Edições, 2010. p. 17-18.



_____. Vida, paixão e morte de Nossa Senhora Realidade. In: RIBEIRO, José Hamilton; MARÃO, José Carlos. **Realidade Re-vista**. Santos: Realejo Edições, 2010. p. 21-37.

_____. Oligarquias, fisiológicos – Faces da política. In: RIBEIRO, José Hamilton; MARÃO, José Carlos. **Realidade Re-vista**. Santos: Realejo Edições, 2010. cap. 1. p. 47-86.

MELO, Chico Homem de. (Org.) **O design gráfico brasileiro: anos 60**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. **Jornalismo em revistas no Brasil: um estudo das construções discursivas em Veja e Manchete**. São Paulo: Annablume, 2002.

SEVERIANO, Mylton. **Realidade: história da revista que virou lenda**. Florianópolis: Insular, 2013.

RIBEIRO, José Hamilton. Está chegando pão quente. In: RIBEIRO, José Hamilton; MARÃO, José Carlos. **Realidade Re-vista**. Santos: Realejo Edições, 2010. p. 38-45.